

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO: RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

OLAVO BILAC	Guimaraens Passos.
CHRONICA FLUMINENSE .	A. e Fantasio.
PLACET.	Stéphane Mallarmé.
ROSA BRANCA	Ignotus.
A BEBIDA.	Pedro Rabello.
A FILHA DO PATRÃO.	Arthur Azevedo.
POEMA DA CARNE	Plácido Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONO	Alfredo Bastos.
HISTORIA SIMPLES	A. de Azevedo Sobrinho.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

HENRIQUE DE MESQUITA

OLAVO BILAC

Para não dar um tom pesado á noticia biographica de um escriptor tão leve, faço aqui neste numero do *Album* uma especie de *portrait documenté*, a exemplo dos que publicava *L'Echo de Paris*.

BIOGRAPHIA EXPRESS

Olavo Bilac é carioca da gemma. Estudou no collegio de S. Francisco de Paula. Cursou cinco annos a Faculdade de Medicina e um anno a de Direito de S. Paulo.

Arthur Azevedo apresenta-o com dous bellissimos sonetos no *De palanque* do *Diario de Noticias* (1885). Grande successo. Escreve na *Semana* (1886) com Filinto de Almeida, Luiz Murat, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Aluizio Azevedo, Lucio de Mendonça, Raul Pompeia etc. Parte para S. Paulo. Dirige o *Diario Mercantil* e funda a *Vida Semanaria*, onde publica as celebres *Cartas chinezas*. Reune em volume os seus trabalhos poeticos,

e em 1888 os editores Teixeira & Irmãos enchem as livrarias brasileiras e portuguezas do livro *Poesias*, a famosa brochura que abriu de par em par as portas da gloria ao primoroso lyrico da *Via lactea*. Volta ao Rio. Funda com Pardal Mallet, Luiz Murat e Raul Pompeia o jornal litterario a *Rua*. Sob o pseudonymo de *Arlequim* revela-se prosador tão elegante e tão correcto, como é elegante e correcto poeta, e com tal encanto e ironia, com tal finura e leveza serve-se da penna, que funda definitivamente a chronica no Brasil. Collaborador effectivo da *Gazeta de Noticias*, depois redactor da *Cidade do Rio*, onde hoje é secretario da redacção.

Viagem a Lisboa, Madrid, Pariz, Londres e Haya (1890-91). Artigos impresionistas, para a *Cidade do Rio*. De volta, escreve com Aluizio Azevedo, Mallet e Coelho Netto, sob o pseudonymo commum de Victor Leal, os romances *Paula Mattos* e o *Esqueleto*, no rodapé da *Gazeta de Noticias*.

O mais é a obra que todos os dias veem os leitores fluminenses. Tem promptos alguns livros de verso e de prosa, tem cinco mezes de prisão politica, tem um duello e nunca aprendeu esgrima. Foi funcionario publico *l'espace d'un matin*.

PASSAPORTE: — Edade, 28 annos. Estatura, 1 metro e 80 centimetros. Cabellos, negros, curtos e brilhantes. Olhos, negros, meio estrabiscos, ameadados e salientes; myope gráo 5. Fronte, larga. Nariz, fino e cumprido. Boca, rasgada. Mãos, esculpturaes. Orelhas, largas. Pouco bigode.

Signal particular: — Memoria prodigiosa.

DETECTIVA: — Mora em Botafogo. Deita-se tarde; levanta-se a horas incertas, lê todos os jornaes com um cuidado extraordinario, almoça ao meio-dia no hotel, e a 1 hora está na redacção. 4 horas, *vermouth* no Castellões. 6 horas, jantar. Feito o jornal, vae ao theatro, mas não adora a opera lyrica.

O artista impecavel da *Delenda Cathargo* não tem grande admiracção pela pintura, nem morre de amores pela musica: tem simplesmente a religião do Verso terso e sonoro e do periodo fulgurante e inalteravel, com os quaes brinca sereno e firme, como um japonéz emerito nos mais complicados jogos malabares.

Adora os vinhos finos e as mulheres bellas; fuma cigarros turcos, ama os charutos caros e detesta o cachimbo.

Não tem predilecções em arte. Lê Shakespeare, Dante, V Hugo, Musset, Flaubert, Gauthier, Maupassant, Verlaine, Peladan, etc.

Não é catholico, nem budhista. Não quer ser pae porque é louco por um sobrinho que, diz elle, ha-de substitull-o.

Faz litteratura a qualquer hora; sabe de cór todos os seus versos e a mór parte dos dos poetas contemporaneos.

Escreve no meio do maior ruido. Ultimamente entrega-se ao estudo das sciencias occultas.

GRAPHOLOGIA:—Tem ciume do seu talhe de letra que é muito egual; caracteres redondos e hõnitos. Muito sensual.

Franqueia generosamente o que ganha. Pouco orgulhoso. Accessivel a todos que o procuram. Pesimismo dourado. Grande variedade de impressões. Muito sentimento nos versos, porém pouca sensibilidade. Ironico e muito altivo

LINHAS DA MÃO:— Pouco amigo dos logares solitarios. Affecta muito septicismo, porém no fundo é supersticioso. Promette guardar rancores, mas esquece-os com facilidade. Não tolera receber ordens. Disposição immediata para tudo. Imaginação poderossissima. Muito sangue frio, principalmente nas grandes occasiões. Difficillimo de uma paixão duradoura. Feliz nas suas pretencões. Crise aos 45 annos. Vida longa.

GUIMARAENS PASSOS.

CHRONICA FLUMINENSE

Quando o outro dia li, na *Gazeta de Noticias*, o sorprendente annuncio da mulher que offerecia um menino como quem offerece um papagaio, fiz logo tenção de aproveitar esse magnifico assumpto.

Fantasio, porém, tomou-me a dianteira, e escreveu na *Cidade do Rio* a chronica magistral e coruscante que foi a nota artistica desta semana melancolica e nevoenta.

Ora, como o *Album* dá neste numero o retrato de *Fantasio*, que outro não é senão Olavo Bilac, o melhor que tenho a fazer—roubado como fui—é transcrever aqui a referida chronica. D'esse modo ficará guardado no *Album* um precioso e esplendido modelo da prosa do nosso Olavo, com o seu magnifico retrato, e a sua biographia, espirituosamente escripta por Guimaraens... perdão: Guimaraens Passos. O diabo do rapaz faz questão de ser *Guimaraens* sem til.

Agora, deliciem-se os leitores:

« Leio na *Gazeta* um annuncio curioso.

Chronica! No periodo sorna da vida fluminense, tens sido um parenthesis, aberto, como uma boca que se escancara de riso. Mette dentro do teu riso uma lagrima, e trata deste caso cruel, em que se espalha toda a maldade destes tempos amaldiçoados...

A publicidade! oh! a publicidade! a sem cerimonia com que se levanta, nos jornaes, a pontinha do véo que encobre os mysterios! e a facilidade com que as columnas ineditoriaes das folhas acolhem todas essas pequeninas infamias! Meus amigos! já deviamos ter mais cuidado com essas publicações...

O annuncio, simples e secco, diz apenas isto:

UMA senhora que se acha em posição precaria, deseja fazer entrega de um interessante menino muito fallador, de dous annos de idade, a um casal sem filhos, de tratamento, ou viuva nas mesmas condições, para ser considerado como filho; a pessoa que pretender deixe carta no escriptorio d'esta folha com as iniciaes M. T. G.

Esta senhora, que se acha em posição precaria, não contou jamais com a réclame furiosa que lhe vou rufar no tambor da chronica... Regosije-se, humana e generosa senhora!

*

Já nesta mesma columna, a proposito da perversidade de um caso occorrido em S. Paulo, pedi a piedade e a attenção de todos para os casos frequentes de violações de crianças. O annuncio de hontem da-me ensejo de voltar ao assumpto.

Ha uma senhora que se acha em posição precaria. Tem em casa um menino. Não sei se esse menino é ou não seu filho. Pouco importa. Para o coração de uma mulher, quando essa mulher não é uma loba, uma criança é sempre um filho. Mas a loba de que se trata quer ver-se livre da criança que tem em casa. E annuncia-a! E' tão generosa a loba M. T. G., que não expõe, alta noite, na calçada, abandonada, a criança que quer engeitar! Não! A loba M. T. G. é uma loba prima-irman da loba que amamentou Romulo e Remo, os fundadores de Roma. E' caridosa. Não atira á rua o pequenino engeitado; annuncia-o.

Mas—como a vida não é facil hoje em dia, como a carne secca está pela hora da morte, e como, por conseguinte, ha pouca gente que deseje augmentar a familia acolhendo um engeitado, que faz a Sra. M. T. G. ? que faz a piedosa mulher que até hoje aturou as impertinencias do menino? Acrescenta ao annuncio a noticia minuciosa das habilidades e das utilidades do pedaço de gente exposto ao mercado...

Que ha de mais natural? E' o que se costuma fazer com todos os generos que se annunciam,—desde as peças de oxford e de chita até os cães de

raça que sabem saltar arcos e os macacos que dançam ao som do realejo.

*

Annuncia-se um menino. Ninguém quer comprar nabos em sacco, nem meninos em lote. É preciso saber se os nabos estão maduros e se os meninos têm habilidades. E, por isso, a Sra. anunciante escreve :

« Um interessante menino muito fallador, de dous annos de idade... »

Dous annos de idade, mães ! E falla !

Mães ! sabeis todas o que falla um menino de dous annos !... A boca pequenina pôde apenas articular as quatro syllabas sagradas do amor : *mamãe e papae*... não cabe mais nada na palavra rudimentar daquelle cerebro em botão :—Ha nada mais barato do que ter de graça um menino de dous annos que já diz *papae e mamãe* ?

Quando se põe á venda um papagaio educado, annuncia-se sempre, para engodo do freguez, que o bicho verde sabe fallar como gente... Mas um menino de dous annos, muito fallador !... Isso vale ouro no mercado da deshumanidade ; e a loba M. T. G. é tão caridosa e tão desinteressada, que nem mesmo pede indemnisação pelo leite que o menino mamou e pelas fraldinhas que inutilizou !... Haverá quem recuse semelhante offerta ? Haverá quem recuse de tão rendoso negocio ? D'aqui a alguns annos, quando a boca do pequenino já se não limitar a gaguejar o syllabario do amor, quando o seu cerebro crescer, quando a vida se lhe desenvolver no sangue e na alma, quando a flor se desabotoar, — quanto não poderá a loba, que agora ficar com elle, cobrar pela sua entrega a explorador mais emprehendedor ?

Quem quer ficar com esta criança ?

Quem quer tomar de graça esta madrugada que já falla ?

*

Se a civilisação está, como dizem os philosophos de alma negra, na razão directa da depravação de costumes, estamos a civilisar-nos a olhos vistos.

Antigamente não havia ninguem que tratasse d'esse modo as crianças... A humanidade ainda não tinha fugido dos nossos corações. Se não nos tinhamos ainda civilisado, a nossa barbaria tinha alma e piedade.

Quando, ainda no tempo da escravidão, se tratou de fundar aqui uma *Sociedade Protectora dos Arimaes*, José do Patrocinio lembrou ás senhoras organisadoras da sociedade que era mais humano e mais urgente que tratassem de promover a protecção dos escravos, que morriam sob o azorraguc, das mães que penavam sob o ferro do captiveiro, e dos filhos captivos que a exploração dos senhores arrancava ao seio materpo. Lembro-me ainda da repercussão victoriosa e larga desse artigo. Nin-

guem mais cuidou de proteger animacs com prejuizo da protecção que era devida aos homens.

Nesse tempo ainda a mania imitativa, que nos leva a copiar os usos argentinos, não tinha povoado as nossas ruas de pequenas vendedoras de flores, expostas á sensualidade e á deshumanidade dos noctivagos. Nesse tempo, derramar sangue irmão era ainda para nós o supremo sacrificio e o supremo aviltamento. Nesse tempo, desgraçada criança, ninguem te annunciaria pelos jornaes, como um papagaio bem fallante ou um tico-tico illustrado...

Dous annos apenas... Estás no começo da tua desgraça. Quando tiveres mais vinte, tu, que uma mulher sacrifica ás suas commodidades, ainda terás mais desesperos e mais ingratições a tragar.

Não faltará quem te ponha á venda, no mercado do odio e da vingança, ingratamente, esquecendo todos os serviços que tiveres prestado á tua patria, — como esta senhora te offerece ao mercado da curiosidade, esquecida da luz e da alegria que derramaste na sua casa, com o teu tagarellar infantil.»

Ora ahi está ! Confessem que foi uma lembrança feliz. Apézar de não se tratar de coisa inedita, os leitores ficaram mais bem servidos do que ficariam se eu lhes fallasse da chuva, ou da chegada do outomno, ou da morte de Jules Ferry, ou da revolução do Rio Grande, ou da estreia da Cifuentes, ou da questão dos fóros da Intendencia Municipal.

A.

PLACET

J'ai longtemps rêvé d'être, ô duchesse, l'Hébé
Qui rit sur votre tasse au baiser de tes lèvres ;
Mais je suis un poète, un peu moins qu'un abbé,
Et n'ai point jusqu'ici figuré sur le Sèvres.

Puisque je ne suis pas ton bichon embarbé,
Ni tes bonbons, ni ton carmin, ni tes jeux mièvres,
Et que sur moi pourtant ton regard est tombé,
Blonde dont les coiffeurs divins sont des orfèvres,

Nommez-nous... vous de qui les souris framboisés
Sont un troupeau poudré d'agneaux apprivoisés
Qui vont broutant les cœurs et bêlant aux délires,

Nommez-nous... et Boucher sur un rose éventail
Me peindra, flûte au mains, endormant ce bercail.
Duchesse, nommez-moi berger de vos sourires.

STÉPHANE MALLARMÉ.

ROSA BRANCA

Eu nasci na praia de Botafogo, ao doce arfar das virações marinhas. De manhã, muito cedo, quando ainda palpitava no céu azul a branca estrellada, mão de donzella, delicada e fina, espargia sobre minhas petalas nascentes a agua que me dava alento e me fazia crescer e desabrochar. Ao meio-dia, ao calor do sol rubro e flamejante, o dourado colibri, rufando as pequeninas azas, vinha contar-me os segredos de seus amores com as minhas irmãs mais velhas. De noite eu admirava a lua pallida e nua listrar nas aguas mortas da bahia uma fita achamalotada de luz, e adormecia ouvindo um cantor nocturno gemer em sua guitarra serenatas sentidas e languidas. Um dia acordei desabrochada e bella; não era mais um botão, estava rosa. A donzella que com tanto cuidado me havia tratado, cortou-me da haste com uma tesoura de prata, e durante longas horas repousei serena e placida, em christalina agua, n'um vaso de porcellana chineza, delicado e fragil. Pelas oito horas da noite me appareceu, vestida para um baile, decotado o seio, braços nus, trescalando perfumes. E eu ornei o seu collo, aninhada nos seios que palpitavam ao calor das suas esperanças. Nesse doce conchego, no tepido veludo daquella carne macia como a pennugem de um pecego, eu senti uma enervante e morna sensação de quebranto e bem estar.

E então auscultei o coração da minha senhora, quiz saber o que elle encerrava, se limpidez cristalina de virgem immaculada, se pensamentos mãos de ambições, de inveja. E alegre-me com esse exame. Naquelle coração só esvoaçavam brancas illusões, candidas esperanças. Ella amava um homem na ingenua e poetica innocencia de seus deztoito annos, e pura, meiga, santa, rogava a Deus que abençoasse o eleito da sua alma. E fui ao baile, e ao som da orchestra gemente, voei no rodoinho da valsa. Mas a minha ingrata senhora esqueceu-se de mim; indifferente, sem piedade, offertou-me a um moço elegante e gentil, de olhar altivo e bigodes retorcidos. E de seu perfumado collo passei para uma casaca negra. Quiz sondar este coração mas não pude. Era profundo, dissimulado, encoberto como o caramujô na sua concha. E horas depois rolava nas almofadas de um *coupé*, ao trote cadenciado de cavallos inglezes. Despertei n'uma alcova côr de rosa, coberta de espesso tapete da Persia, onde pesados reposteiros de damasco occultavam a claridade nascente do dia.

Em um leito de *erable*, baixo e amplo, coberto de uma colcha de seda preta, dormia semi-nua uma mulher moça, de uma alvura de alabastro e de uma belleza perturbadora.

Ella sonhava e murmurava palavras, de que não comprehendia a significação, mas que pareciam fremitos de prazer.

Olhei então para os quadros que ornavam esse ninho, e todos elles traduziam essas scenas amorosas da mythologia grega em um realismo audacioso dos pintores de Pompeia. Corei, alvoroçou-se o meu pudor, e tremi como a rola ao ver ao longe o atrevido gavião.

Mais tarde a moça linda e peccativa despertou de seu somno agitado, e, enfasiada, aborrecida, foi uma a uma desfolhando todas as minhas petalas. A vassoura implacavel da criada atirou no lixo meus miseros restos, e eu de todo estaria morta, se um sopro bemfazejo da aragem não agarrasse esta petala e a fosse levando no vortice de seu turbilhão. Para onde vou eu agora? qual será o meu destino? Misera rosa branca, porque tu não foste uma rosa de amor, guardada em caixa de marfim como recordação preciosa e doce?

IGNOTUS.

A BEBITA

NO DIA DE SEU PRIMEIRO ANNIVERSARIO

Vae para mais de hora e meia,
Que a mim me veio uma ideia,
E eu disse com os meus botões:
«—*Seu* Rabello, olhe a Bebita!
Faça uma coisa bonita,
Mande as felicitações...»

Dispuz-me a fazer poesia.
«— Musa, neste alegre dia,
Dá que me sejas fiel! —»
E tomei ares de poeta,
E endiretei a caneta,
E preparei o papel...

Boas! Nem verso, nem prosa!
Minha Bebita formosa,
Fiquei de penna na mão...
E miravam-me, espantados,
Os rostos dos empregados
De toda a repartição...

Tu, Bebita, meu pobre anjo,
Vê se conheces marmanjo
Mais infeliz do que eu...
Sobejam-me versos varios
Para mil anniversarios,
E faltam-me para o teu!

Faltam versos? Pois que faltem!
Pede aos do Arthur que te exaltem
A graça, os modos joviaes...
Pela parte que me toca,
Eu dou-te um beijo na bocca
E comprimento aos teus paes!

PEDRO RABELLO.

11 de Fevereiro de 1893.



OLAVO BILAC

A FILHA DO PATRÃO

A ARTHUR DE MENDONÇA

I

O commendador Ferreira esteve quasi a agarral-o pelas orelhas e atiral-o pela escada abaixo com um pontape bem applicado. Pois não! um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira, nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! que elle estivesse durante tantos annos a ajuntardinheiro para encher os bolsos a um valdevinos d'aquella especie, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era a rapariga mais bonita e mais bem educada de toda a rua de S. Clemente! Boas!

O commendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta secca e decisiva; um «Não, meu caro senhor» capaz de dasanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astucias do amor.

O pobre rapaz sahio atordoado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não passaram de timido projecto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou animo e disse aos seus botões:—Pois ha de ser minha, custe o que custar! —Voltou-se, e vio n'uma janella Adosinda, a filha do commendador, que desesperadamente lhe fazia com a cabeça signaes interrogativos. Elle estalou nos dentes a unha do pollegar, o que muito claramente queria dizer —Babão!— e, como eram apenas onze horas, foi d'alli direitinho espaiar-se no Derby-Club. Era domingo e havia corridas.

O commendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha, e surpreendeu-a a fazer os taes signaes interrogativos. Dizer que ella não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço, seria faltar á verdade que devo aos pacientes leitores; apanhou-o, coitadinha! e naturalmente, a julgar pelo grito estridulo que deu, exagerou a dor physica produzida por aquella grosseira manifestação da colera paterna.

Seguiu-se um dialogo terrivel:

— Quem é aquelle pelintra?

— Chama-se seu Borges.

— De onde o conhece você?

— Do Club Guanabarensense... daquella noite em que papae me levou...

— Elle em que se emprega? que faz elle?...

— Faz versos.

— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?

— Eu não tenho culpa; culpado é o meu coração.

— Esse vagabundo algum dia lhe escreveu?

— Escreveu-me uma carta.

— Quem lh'a trouxe?

— Ninguem. Elle mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janella.

— Que lhe dizia elle nessa carta?

— Nada que me offendesse; queria a minha auctorisação para pedir-me em casamento.

— Onde está ella?

— Ella quem?

— A carta?

Adosinda, sem dizer uma palavra, tirou a carta do seio. O commendador abriu-a, leu-a, e guardou-a no bolso. Depois continuou:

— Você respondeu a isto?

A moça gaguejou.

— Não minta!

— Respondi, sim, senhor.

— Em que termos?

— Respondi que sim, que me pedisse.

— Pois olhe: prohibo-lhe, percebe? pro-hi-bo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que elle anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Bemvindo (Bemvindo era o cosinheiro do commendador Ferreira), e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe digo nada!...

II

Tres dias depois d'esse dialogo, Adosinda fugio de casa em companhia de seu Borges, e o rapto foi auxiliado pelo proprio Bemvindo, com quem o namorado dividio um dinheiro ganho nas corridas do Derby. Até hoje ignora o commendador que o seu fiel cosinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pae ficou possesso, mas não fez escandalo, não foi á policia, não disse nada aos amigos mais intimos, não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve rasão, porque, passados quatro dias, Adosinda e seu Borges vinham, á noite, ajoelhar-se-lhe aos pés a pedir-lhe a bençã, como nos dramaticos e novelas sentimentaes.

III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o commendador Ferreira deveria perdoar aos dous namorados, e tratar de casal-os sem perda de tempo; mas infelizmente as coisas não se passaram assim, e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoismo.

O commendador, com a resolução de quem longamente se preparára para o que desse e viesse, tirou do bolso um revólver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando:

— Seu biltre, ponha-se immediatamente no olho da rua, se não quer que eu lhe faça saltar os miolos!...

A um argumento tão intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor á pelle, fugio como se o arrebatassem azas invisiveis.

O pae foi fechar a porta, guardou o revólver, e, approximando-se de Adosinda, que, encostada ao piano, tremia como varas verdes, abraçou-a e beijou-a com um carinho que nunca manifestára em occasiões menos inopportunas.

A moça estava assombrada; esperava, pelo menos, a maldição paterna; era, desde pequenina, orphan de mãe, e habituara-se ás brutalidades do pae; aquelle beijo e aquelle abraço affectuosos encheram-na de confusão e de pasmo.

O commendador foi o primeiro a fallar :

— Vês? disse elle, apontando para a porta; vês? O homem por quem abandonaste teu pae é um covarde, um miseravel, que foge diante do cano de um revólver! Não é um homem!...

— Isso é elle, murmurou Adosinda baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfazião a pallidez do rosto.

O pae sentou-se no sophá, chamou a filha para perto de si, fel-a sentar-se nos seus joelhos, e, num tom de voz meigo e unctioso, pedio-lhe que se esquecesse do homem que a raptára, um trocatintas, um leguelhé que lhe queria o dote, e nada mais; pintou-lhe um futuro de vicissitudes e miserias, longe do pae que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, d'esse pae que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhoso dos paes.

No fim d'essa catechese, a moça parecia convencida de que nos braços de seu Borges não encontraria realmente toda a felicidade possivel; mas...

— Mas agora... é tarde, balbuciou ella; e voltaram-lhe á face as purpurinas rosas de ainda ha pouco.

— Não; não é tarde, disse o commendador; conheces o Manoel, o meu primeiro caixeiro do armazem?

— Conheço: é um enjoado.

— Qual enjoado! E' um rapaz de muito futuro no commercio, um homem de conta, peso e medida! Não descobrio a polvora, não faz versos, não é janota, mas tem um tino para o negocio, uma perspicacia que o levará longe, has de ver!

E durante um quarto de hora o commendador Ferreira gabou as excellencias do seu caixeiro Manoel.

Adosinda ficou vencida.

A conferencia terminou por estas palavras:

— Fallo-lhe?

— Falle, papae.

IV

No dia seguinte o commendador chamou o caixeiro ao escriptorio, e disse-lhe:

— Seu Manoel, estou muito contente com os seus serviços.

— Oh! patrão!

— Você é um empregado zeloso, activo e morigerado; é o modelo dos empregados.

— Oh! patrão!

— Eu não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa: dou-lhe cinco por cento além do ordenado.

— Oh! patrão! isso não faz um pae ao filho!...

— Ainda não é tudo. Quero que você se case com minha filha. Doto-a com cincoenta contos.

O pobre diabo sentio-se engasgado pela commoção: não poudo articular uma palavra.

— Mas eu sou um homem serio, continuou o patrão; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem.

O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as palpebras, ajustou os labios em bico, e respondeu com um sorriso resignado e humilde:

— Oh! patrão! ainda mesmo que fosse, não fazia mal!

ARTHUR AZEVEDO.

POEMA DA CARNE

A PAULA NEY

Ficas confusa quando os meus olhares
Mordem te o corpo, sugam-te a frescura,
E isso, porque mais que formosa és pura
Como a luz argentina dos luars...

No emtanto vê que perfidos pezares
Guardo, escondendo, como uma loucura,
D'esse desejo a febre que murmura
No peito meu, como o estertor dos mares.

Não tenho culpa que o meu sangue cante,
Que o teu olhar me prenda a cada instante
E que ao teu corpo resistir não possa...

Não tenho culpa que o teu labio seja
Uma setinea e lubrica sereja
Posta a florir, na tua carne moça...

PLACIDO JUNIOR.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

VI

Com essas informações de Carrero, Lucio podia vestir a clamys e por-se em campo. Um pouco de tactica, e a victoria era certa.

As difficuldades, se as houvesse, viriam por parte de Dolores.

E que tinha isto? não estava elle de prevenção? Não havia promettido a si mesmo illudir, aceitando e fazendo decentemente a côrte a Dolores?

Foi assim que o moço entrou em casa, meio abatido, com as insinuações do amigo a vozearem-lhe nos ouvidos de par com as vibrações sonoras d'aquellas valsas allemans com que o pianista, todas as noitês, deliciava os *habitués* da Confeitaria Oriental. Foi uma noite mal dormida aquella. E' que a natureza humana está sempre sujeita a tão singulares phenomenos.

Este rapaz, que havia passado bastantes annos em Pariz, desenfreado cabeça e coração a todas as paixões mundanas, para depois detestal-as de uma vez, achava-se timido como um simples collegial, que murmura, apenas, a palavra amor com receio de que o echo de sua voz lhe responda como reprehensão.

Assim estava Lucio.

Felizmente, todas essas hesitações não se davam em publico. Ah! a consciencia impunha-lhe, e onde soffria o coração, a alma como que irradiava. Podiam surprender-lhe o amor, mas não demonstraria o abatimento. O homem que ama é naturalmente triste. O moço bem sabia d'este principio, e por essa razão tratava de illudir.

Em poucas sociedades é tão necessaria a alegria, embora apparente, como na de Montevideo. N'este ponto é exigente. E' de obrigação ter espirito, e Lucio já se havia antecipado e anteriormente compromettido, ou, para melhor dizer, a tradição dava-o como homem de *verve*, de espontaneidade em tudo quanto fosse provas de intelligencia e cultura.

Apezar, porém, de toda a experiencia, faltava-lhe um axioma para a collecção das maximas que o mundo nos ensina.

Lucio ignorava, talvez, que, nas condições em que se achava, poucas ou mulher nenhuma resistiria a uma declaração. O axioma que elle ignorava e que muitos escriptores affirmam fóra pela primeira vez pronunciado por Páris, o roubador de Helena, é: que a mulher não ama por satisfação própria, individual, intima; ama por vaidade e sempre visando a sociedade. Lucio era rapaz de talento provado, elegante lindo sem ser ridiculo, modesto sem ser hypocrita.

A' agitação febril que o dominou, durante a noite, succedeu a placidez do homem que tem uma consciencia de santo e um estomago de avestruz.

Houve mesmo um instante, quando dava o laço á gravata em frente ao pequeno espelho do lavatorio, em que sorriu em tom de motejo.

— E' boa! — pensava — mais um passo e era capaz de subir á *azotéa* e atirar-me á rua. Com que, chegou, chegou a minha vez de pagar o meu tributo á grande asneira do amor! O que vale é que a vaidade de Carmen não me ha de atormentar, e quanto á *coquetterie* de Dolores, essa dar-me-á

thema para passar bons momentos. Sim! porque, afinal, se levarmos tudo a serio, terminaremos por nos rir de nós mesmos, e isto de ser palhaço da consciencia é abominavel.

Era a hora em que se dava a visitar doentes, por esse tempo abundantes: principiava o reinado da triplice alliança: da diphteria, da pneumonia e da tísica.

— Ah! — murmurou ainda — se não fosse o frio, as mulheres não tinham o recurso de morrer tuberculosas para as amigas dizerem que se finaram de amor.

E, logo, bateu a porta e partio a cantarolar um *refrain* da Judic.

No instante em que punha o pé na calçada, chamou-o uma voz, cujo timbre não lhe pareceu estranho. Voltou-se. Era uma criadinha, bem vestida, moça, espigada, forte, encouraçada n'umas carnes vistosas e lisas e tufadas pela gordura natural. Vagava-lhe pelos labios um sorriso estúpido de timidez e as maçans do rosto brazeavam como a lenha rubra das estufas em tempo de fortes invernadas. Lucio passou-lhe revista do bico dos pés á ponta dos cabellos n'um lesto volver de olhos affeitos a dar opinião sobre mulheres, e griphou toda a observação com um sorriso de malicia: — Uma *soubrette* que Pariz não despresaria! — pensou.

E a rapariga estendeu-lhe uma carta sumida n'um envelope perfumado.

— Esta rapariga é imprudente, disse comsigo á medida que lia — vir entregar-me aqui mesmo uma carta, almiscarada de modo a attrahir todas as abelhas do *Paso del Molino*!

A physionomia não seguio com a mesma expressão de alegria e bom humor. O moço dobrou de novo a carta, guardou-a com toda a pacatez; e, como quem se queria orientar no meio do labyrintho em que o acabavam de encerrar:

— Bem!... — principiou, depois de interrogar se á rapariga havia sido entregue a carta na vespera ou n'aquella manhan; bem! diz á senhora que lá estarei d'aqui a dez minutos.

A criada recurvou-se toda n'um comprimento de camponio, e partio n'uns passinhos miudos e apressados.

A leitura a que Lucio acábára de proceder despertou-lhe a attenção. — Dolores manda-me esta carta — disse comsigo, continuando a caminhar — para pedir-me que vá vel-a, porque *passou mal a noite* e receia alguma enfermidade aguda. E' singular! — uma mulher que escreve, á noite, uma carta, que a manda entregar de manhan e que n'ella declara que passou mal a noite! Não comprehendo! Ou antes comprehendo de mais!... Em todo caso, não ha nada a perder; bem pelo contrario ha tudo a ganhar. Um pretexto para ver Carmen. E para castigar a falsa doente, receito-lhe uma dose que ha de abatel-a e aprisional-a no quarto por alguns dias. Cada visita será paga por meia hora de conversação com a filha. Antes, porém, tenhamos em

vista a consciencia de medico. Vejamos aquelles que são verdadeiramente doentes. Para os restantes, temos as horas da noite, os dias de recepção e os sarões. Bom!... estou nomeado medico assistente da familia Blanco. Vou pôr a *coquetterie* de Dolores á prova do *quininum* e de qualquer drastico...

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

HISTORIA SIMPLES

Estas noites de luar
Trazem-me sempre á memoria
Recordações de uma historia
De marinheiros ao mar...

« Foi em setembro, dizia
O marujo, soluçando,
Que deixei Andaluzia,
Mal o sol ia tombando...
Ferio-me o prime ro amor
Estava bem moço, ainda,
Maria,—formosa e linda
Como as giestas em flor... »

No tombadilho ao luar
O marinheiro fallava...
Toda a maruja chorava
Fitando o espelho do mar...
« Tinha tão bellos os olhos
Que nem os quero lembrar:
Eram pharões entre escolhos,
Ensinando a navegar... »

E que paixão e que assombros
Sentia ao ver seus cabellos
Tão perfumados e bellos
Cahindo sobre seus hombros!
Mas, certa noite, Maria
Junto á amurada chorava...
Perguntei-lhe o que sentia,
Que pezar a torturava...

Para alegrial-a, cantando,
Disse-lhe quanto soffria:
— Que já de amores morria
Por vel-a triste scismando.
Mas... tive os pés á corrente,
Cheio o coração de magua,
E estes olhos rasos d'agua,
Banhados de pranto ardente...

Tremendo crime infamante
A penas mil condemnado:
Ser murujo... e namorado
Da filha do commandante!
Um anno inteiro passei
Prisioneiro e acorrentado
E, quando fui libertado,
Entre estranhos me encontrei

Agora por estes mares,
Em noites enluaradas,
Escuto as nossas risadas
E recordo os meus pezares...
Nunca mais tive outro amor...
Estava bem moço, ainda,
Maria,—formosa e linda
Como as giestas em flor! »

Estas noites de luar
Trazem-me sempre á memoria
Recordações d'essa historia
De marinheiros ao mar...

ALVARES DE AZEVEDO SOBRINHO.

THEATROS

Mais uma companhia de zarzuelas no Polytheama!

Ainda lá não fui, mas, ao que parece, ha lá uma estrella, uma estrella a valer, a senhorita Cifuentes, de quem dizem maravilhas.

Será possivel, meu Deus?

*

Se não for, consolem-se os leitores com a seguinte noticia, que me dá, em carta escripta da Italia, pessoa que se acha envolvida em negocios de theatro:

« Dou-te a agradável noticia de que terás ahi este anno a Sarah Bernhardt ou a Judic, não sendo para estranhar que as tenhas ambas, esta de 20 de Maio a 15 de Junho e aquella de 20 de Junho a 15 de Julho. Logo que o negocio esteja definitivamente resolvido, avisar-te-ei. »

E eu por meu turno transmittirei o aviso aos leitores do *Album*, de quem espero boas alviçaras.

*

Os nossos theatros nenhuma novidade nos deram além da companhia de zarzuelas, ou antes, da senhorita Cifuentes. Sim, porque não podemos considerar novidade a *Doida de Montmayour*

X. Y. Z.

Falleceu no dia 19 o menino Benjamim Galvão, filho unico do nosso illustre collega da *Gazeta de Noticias* Dr. Ramiz Galvão, a quem apresentamos sinceras condolencias.

Era alumno do Gymnasio Nacional, onde soubera conquistar a estima e admiração dos seus mestres e condiscipulos. Considerado por todos como o primeiro da sua classe, o talentoso estudante deixa um nome que será um exemplo e um estímulo para os seus collegas. O Gymnasio perde nelle uma gloria.

Imprensa H. Lombaerts & C.